

RODRIGO DE HARO

espelho dos melodramas



editora ufsc

Espelho dos melodramas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Alvaro Toubes Prata

Vice-Reitor

Carlos Alberto Justo da Silva

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial

Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Clélia Maria Lima de Mello Campigotto

Ione Ribeiro Valle

João Pedro Assumpção Bastos

Luís Carlos Cancellier de Olivo

Miriam Pillar Grossi

Sérgio Fernandes Torres de Freitas

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Rodrigo de Haro

Espelho dos melodramas

© 2011 Rodrigo de Haro

Direção editorial:

Paulo Roberto da Silva

Capa:

Maria Lúcia Iacizinski

Editoração:

Cristiano Tarouco

Revisão:

Flavia Vicenzi

Ficha Catalográfica

(Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

H292e Haro, Rodrigo de, 1941

 Espelho dos melodramas / Rodrigo de Haro. – Florianópolis :
 Ed. da UFSC, 2011.

 180 p.

 1. Poesia catarinense. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

ISBN 978-85-328-0578-2



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Em memória de Martinho de Haro.

Nada te turbe, nada te espante.
Santa Teresa de Ávila

Sumário

Invenção do olfato	. 14
Pretendente desprezado	. 16
Dançarino do arame	. 18
Zás...	. 20
Viúva vingativa	. 22
Viagem noturna	. 24
Jogo perigoso	. 26
São Sérgio e São Dionísio,	. 28
irmãos de sangue (ícone)	
Anjo que viu Tobias	. 30
Tritão persegue nadador	. 32
Plasma	. 34
Cordão de ouro	. 36
Descida de Inanna aos infernos	. 38
Tentar saber	. 40
Desenho num tapete	. 41
De olhos fechados enxerga-se melhor	. 42
Experiência mágica	. 44
No Morro do Assopro	. 46
Cat-people	. 48
Talvez invocá-los...	. 50
Oculta medicina é paradigma	. 51
Depoimento de Tomás Ortiz, dominicano,	. 52
apresentado ao Conselho das Índias	

Biombo da Dinastia Sung .	54
Noturno do estádio vazio .	56
Ludovica Albertoni .	58
Grave delito o esquecimento .	60
Sopra o vento leste .	62
Relva celeste .	64
Transgressão da máscara .	66
Encontras tua mulher na árvore .	68
Espadachim caído numa fonte .	70
Na véspera das Adoníades .	72
Artes da Sibila .	74
Vê-se o arlequim irrefletido .	76
Elogio do riso .	77
Retrato de viajante inglesa .	78
por Dante Gabriel Rosseti	
Folias do Minotauro .	80
Ao peregrino de Castela .	82
Camilo de Lellis .	84
O sol ardente dos finos licores .	86
Sobre a ciência do armorial .	88
Maravilha-se o aedo sem modéstia .	90
Diante do mar de fogo .	92
Onoma .	94
Nicho do amor profano .	96
Leonor às sete da manhã .	98
(em Santa Filomena)	

Esta moeda que recusa .	100
Cruzando o Rio Adaga .	102
Rio Caveiras .	104
Rio São Mateus .	106
Noturno .	107
Aqueles que sobem ao monte .	108
Passagem do encoberto .	110
O cozinheiro infernal .	112
Isidore Ducasse é arrastado pelas vagas .	114
Arte cênica .	116
Se caminhas pelas ruas .	118
Páscoa da Ressurreição .	120
Retrato de Músico Cego .	122
No banho dos ciganos .	124
Esqueces teu lugar de nascimento .	126
Na ponte o Narciso se mirava .	128
Príncipe Submarino .	130
Avilta-se quem ama .	132
De uma carta de Antonio Palma .	134
O colar partido .	136
O pintor executa um telão .	138
(Teatro Paroquial de São Joaquim, 1947)	
Las moradas .	140
Três poetas numa ponte .	142
A roda do tempo .	143

Sobre uma carta de Alexandre Herculano	. 144
Aparição no quarto (Fantasmagoria)	. 146
Abre teu livro de apostas	. 148
Passeio matutino das Erínias	. 150
O peso da cesta de maçãs apoiada na árvore	. 152
A pedra arremessada contra o vidro	. 154
Sutra do galo	. 156
Abertura para um cerimonial	. 158
na Ladeira da Penitência	
Ato trágico	. 160
Exigiu que a filha se chamasse Efêmera	. 161
Desastres	. 162
O tropel das Amazonas	. 164
Primeiro rito matinal da Coroação	. 166
Composição com três pombos e uma taça	. 168
Tumulto na escadaria	. 170
Melodrama	. 172
Figura da Melancolia	. 174
Baralho	. 176

Invenção do olfato

Gian Maria trouxe a fórmula
predestinada. Logo soubemos que
o perfume é também ideia evolada –
como a música – pois detém
enferrujadas chaves do passado.

Cedo apaixonamo-nos pelas retortas
verdes no aposento despido de vaidade
onde mil aparições costumam
suceder: – Helena, o sineiro Quasímodo,
Simbad o marujo. Tudo por obras
do homem sem sombra rodopiando
à volta do atamor, ocupado

com filhas perdidas e re-
encontradas, androide de olhos
postos no abismo. Nunca alcançaremos
sua profusa ciência dos números
nem indispensável coleção de ventarolas,
panaceia contra os males eólicos de Java,
arrogâncias do mundo fugitivo.

Dizem que nunca o artista é
inteiramente humano – seu rosto
modelado por viril piedade
fala também com os répteis do lodo. E sonha
estações aquilinas nas vagas, moradas
do escuro cachalote – onde colhe
nas vísceras da mansa criatura

o indispensável miligrama canceroso,
algema fétida capaz de fixar
por instinto iluminista da amizade
a doce memória cristalizada

no arrogante frasco do perfume.

Pretendente desprezado

Escuta sempre atrás das portas o anêmico
monarca, preso ao sono convulsivo
da fisiognomonía. Deixou cair o cetro,
os protocolos na almofada

enquanto

todas as lâmpadas piscavam. Pobre
exilado das piscinas, seguido sempre
na sombra por engulhos da antecâmara
entre roídos tamancos. Escuta
atrás da rigorosa porta o usurpador
do vinho que não troca de laringe
nem enxuga os lábios na palma da mão.

– Ele escuta, ele escuta sem abrir
a janela para consultar o nascente.
Tem ouvidos como largas pás
o moleiro no inverno. Rocalha
ou sacabuxa. Nunca pode alcançar

os banquetes na outra sala
com matilhas. Atrás da porta dupla,
despido das insígnias, o pretendente
escorchado de Van Cuilp cata
lentilhas nos degraus de estanho
amidonado sem tropeçar. Apalpa,
escuta sem mover pálpebras roídas
na púnica ardência do açafão.
Ele escuta, ele escuta. Ele vê.
E assim sobrevive,

pretendente desprezado, terceiro
do seu nome deslizando atrás das portas,
vaga anedota entre escuros batentes.

Dançarino do arame

Jogral sem artifício. Com ágil sapato
em luz boreal indica o dançarino do arame
a mina de sal-gema, pois nunca tomba
o audacioso. Acima dos telhados segue
e acompanha mascarados para
o Enterro da Sardinha, imagem
da caridade perfeita sem qualquer
zombaria. Entre Pazuzu e poderoso
Anjo de Luz ocupa-se o entusiasta
com feroz estandarte da primeira Guerra
Santa. Agita braços de arame o dançarino
fugindo aos meridianos, atento só
à lua com pálida constância. Move pés
de álgido metal em equilíbrio
sobre rotundo tonel de frias danaides.

É Oleg Brianski cobiçado bailarino
emitindo vaticínios sobre imagem de fuga
derradeira nos espelhos. Agora é
correr, correr obediente
aos comandos de Onan, o iconófilo.

Com dura constância o fiel jogral
avança arrebatado na liteira plumígera
do vento, sem desviar-se da linha fatal,
amarga espiga, falo, ordenação. É sempre
o Mesmo. É sempre um Outro.
Calar-se é o Discurso, tese oculta
traçada com mãos de malaquita, con-
tínua progressão da metáfora do cubo.

Aos poucos faz-se o canto trabalhoso,
e o dançarino avança mais um passo
lá no alto, acima dos ouvidos corriqueiros.

Zás...

Ajoelhado sobre o tapete sujo
entre as raízes úmidas dos ventos
o esqueleto verde invoca
o labirinto convulsivo dos cara-
mujos filhos da Terra Mãe.

Um cavalo ajaezado com opa fus-
tigante de ladrilhos corre e
derruba o visitante astucioso
mascador de clorofila no limiar
da escadaria intermitente.

Sim, o mundo se consome
em movimentos invertidos.
E um violoncelo sodomiza
o adolescente de porcelana
ajoelhado sobre o kilim

lilás, em atitude peregrina,
coroadado de alcachofras. Ob-
servado pela esquerda, ele
é simples projeção, miragem,

fantasia. Acoplado ao polvo e
ao cavalo este epiceno trans-
figura-se: modelo de Arcimboldo
ou pregador de esquina, hábil
em sofismas. Vento enfim,
poeira iluminada.

Viúva vingativa

Nilo anterior aos rios, Amazonas de trovões
pré-dinásticos – caudal de ossos fundadores
de cidades astuciosas. Cimitarra sobre
planícies, onde lua de vinagre e sol
de mágoas se defrontam. Abre as janelas

o narrador – e escuta – o rumor arcaico
das ilhas arrastadas na correnteza, rumo
ao útero impaciente da viúva recorrente,
entronizada entre convivas presos
na sala, puma vingadora saboreando aperitivos
antes da torrente desviada invadir
a seu comando um banquete elaborado
durante dez anos – dia por dia,
noite após noite por vingança.

Sim, abre as janelas, as janelas cegas.
Deixa cair a chuva misturada ao vinho
sabático da Beladona. Espia. Ouve
os fatigados rios do mundo e saúda
Dona Urraca, a intrépida, girando
a chave do abismo. – Ria, ria e chorava –
conta o único sobrevivente (um copeiro)
enquanto as águas liberadas arrastavam
tudo, submergindo-a também
com seu maravilhoso toucado e a baixela.

Três vezes repetem o gesto fatal
de abrir os diques, as replicantes:
chamam-se Ximena, Urraca e Gong-Li. São
sempre as mesmas em tempos e lugares
diferentes. Só trocam os nomes.
Seu vestido de sete pregas vela o corpo
elétrico da rá-çafata coaxando
na porta. Só ela sabe.

Viagem noturna

Cabeleiras desatadas dos viajantes, ondulações
violetas, vozes a capela com lençóis ras-
gados pelo olho dos lápitas num tornado.
Madeixas desatadas em espiral
com pombos incendiados na ambulância.

Veloz torrente dos cabelos, força ácida
dos sonhos entre onze da noite e a hora
soberba do tambor de lata. Impossível
arrancar as conchas esmagadas
por impertinência retroativa dos ponteiros.
E o mel silvestre consumido por raposas
ardentinas acampadas sob os pianos
nas estradas. Mas que nomes des-
dobrados em sarcófagos de gelo e
de opalina murmuram capciosos sedentários?

– Muitos discursos gemem os viajantes
mutilados nos encostos dos vagões
de carga. São passageiros
entregues ao aço e à nuvem, consumidos
pelo fatalismo próprio aos Donatistas.
– Que a chuva – ou lua láctea – não per-
turbem seus profundos devaneios,
susto e loucura manifesta dos cartógrafos.
Com arrogância de cometas nas estradas
astuciosos peruqueiros roubam

aos girassóis a paixão e a cortesia.
Logo sonham e afogam-se
com cega impertinência – chinós desatados
pelas vias, sonhando
os belos carrosséis
em Babilônia.

Jogo perigoso

Experimenta o indagador na pele
a rigidez do espinho quando a harpa
em perdulária disposição de nuvem equina
limpa os olhos replicando lutuosos
malefícios. Com musculosa energia
avança sobre os cais, perfurando
discursos de barqueiro lunar e obstinado,

tecendo roteiros dissolutos com ecúleo
pontagudo de neblina. É um jogo perigoso:
– Sua casa ilustre fica em outra ilha
e despreza (por frugais) vultuosas
narrativas do destino, argumento
do escriba cego enlouquecido com espavento.

Sentirás, acaso, o javali acossado no pátio
onde mulheres tecem guirlandas frescas
de eglantina? Tudo é imprevisto
sem a licença áurea do improvisado.

Tudo experimenta o poeta por seu risco,
lâmina de vidro entre o sal e o vento.
Os Invisíveis, atentos e cruéis, assim
o querem para exemplo. Nem sempre
a cerimônia matinal de abrir os lábios
identifica a máscara. Por isso o antigo labirinto
é seu emblema. E o unicórnio gentil
com dardo pontudo aproxima-se, e o poeta
comovido coça-lhe a cabeça.

São Sérgio e São Dionísio,
irmãos de sangue
(ícone)

Dois príncipes amigos convidou pela espada.
De pedregosos larários os bolsos tinha
repletos. Tantas torres e torrentes.
Tantas torres para efêndis refratários. Nada
lhes cuidava de cascavéis entre os dedos.
Tantos relâmpagos pelos festins das marés.
Dois príncipes chegam ofegantes...

Difícil é o caminho em direção
das guaridas, entre signos do fogo
e duas espigas de trigo.
Dois príncipes fez amigos e os convidou
pela espada. De noite abriu janelas
sem dedos burilados. Nas cisternas
se avistavam só pelicanos
com pescoços quebrados.

Girando a roda trouxeram jogos
com as formas do hipocampo. E o visgo
iluminava solerte os desconhecidos caminhos.
Vê-se no ícone quebrado dois príncipes
abraçados na cintura, e ganchos de ouro
suspendem vívida cena nesta paisagem
da Síria. O carisma deste dia é só prazer,
nunca promessas de martírio.

Anjo que viu Tobias

Áspera natura da estirpe amorosa,
em que noites cegas se afina
teu rumor? Tua voz irradiou-se
licenciosa no ritmo das ondas con-
firmando o misterioso itinerário de
tuas íntimas peregrinações. Tíbia,
astrágalo, pequena falange...

Cortando a água negra do cal-
çamento avanças à minha frente
com um calcanhar luminoso e
pergunto-me para onde me levas
através de sucessivas lâminas
do desejo acossado – Tu, suave
e angélica materialização
da morte definitiva?

Espinhosa natureza do instinto
amoroso, em qual das noites
não me torturas? Tua voz espraia-se
em meu ouvido, delícia quimérica
que não pode realizar-se no mundo,
enleando-me nas miragens
sucessivas de lira, dragão
e ávido narciso, simultâneos?

De longe repercute o chamado incessante de outra mente áspera que repetidamente o oceano atira a meus pés – como frasco polido de mensagens que não leio.

Basta-me adivinhar o rosto, a garganta, as doces axilas abertas como medusas impacientes, sincretismo vital de todos os amores imaginários.

Tritão persegue nadador

Cruza na paisagem o nadador, perfuma
untuosas moradas com o nardo
capitoso das virilhas
no piscar rapidíssimo dos braços.
Foge pulsando mostradores
com horas incompletas.
Somente para a festa é
que ele existe
sem promessas.

Espáduas de espumas em fértil
agonia, aproxima-se nadando o pio
vidente enquanto abre ver-
tical o fio das ondas.

– Atravessa, ó atravessa
a idade antiga, rumo ao olho
do tempo. Estrutura de mel
onde se guarda o bramido
ofegante em tatuagem

sobre densa panturrilha afeita
aos cuidados fatais da úmida etiqueta,
e determina o sopro rijo
sobre a linha d'água
onde avança, enleado em verdes
franjas, e distende o tronco
cintilante de escamas o último Tritão
com impulso lascivo, pelos esforços
de Onan precipitado.

Plasma

Única vela, imagem de Eros Volúcia
dança em traje marajoara
na parede hospitalar
da carrancuda face da recepção
onde convém entregar as luvas
manchadas de soma, esperma
da linguagem. Frágil coisa é

uma parede sólida, o calçar
pantufas, apoiar-se na guarda
do fogão aceso. Definitiva ilusão
separa o gentil homem acochado
da ancestral mendicância da es-
pécie, do silvo persistente da fenda
vulcânica. Dormes sobre certezas...

Surdo ao apelo da sineta jubilosa
do pátio, procuras desvãos, fugas
prodigiosas entre os ângulos mais
íntimos da parede obtusa
sem receber mensagens
múltiplas do retrato oval.
É pena! Só tu poderias sus-
pender guirlandas acima
da porta do camarim, mas não ouviste

o comando expresso na dança
trinitária e ficaste para trás
olho no olho imóvel, semi-
aberto, de perfil
como animal na selva...

Agora é esperar
que outro ciclo tenha início.

Cordão de ouro

Observem as unhas como meias-luas negras
de óleo e os punhos frisados enquanto
gira o globo trazido de Amsterdão
o ano passado por amigos fidelíssimos.
– Um dia hão de chegar na Lua! Sus-
pira tocando o fio de ouro, a santa
Cruz de Calatrava espetada no peito
ajaezado de negro. Agora

a mão do reflexivo Duque de Osunã
tomba molemente na almofada, enquanto
o retratista vesgo – também narrador –
elabora uma pirâmide de espelhos
na câmara escura, certamente mentindo.

Julguem o cavaleiro humilhado
em sua grandeza, preso às circunstâncias
deste tempo atribulado. Imóvel. Imóvel.
Diante dele estremeciam as linhas
dos hemisférios e das polinésias, gnose
de mil vozes anunciando prodígios.
Tudo leviandade! Comenta o penitente
ocultando-se na cogula.

Nada importa – exceto o ouro que não tomba
das gengivas, mal plantado. Fora o metal
sórdido dos botões e das fivelas!
Basta o fio esticado à volta do tempo
Católico e Romano, garrote luminoso.

Assim, com unhas duras,
começas a desaparecer.

Descida de Inanna aos infernos

Alcachofra das lágrimas, qual será
teu bom prazer, planta arrogante,
minha senhora de Portugal? Sabemos
que alimentas a vida nova dos santos,
tu, jarra inclinada no ombro da liturgia.
Teu sonido de ocarina rompe
a corrente infinita do azorrague.

Praticas com imprudência a cabra-cega
nos tombadilhos, quando a lua
entra em Câncer.
Iluminas o ás de copas,
arcano do sangue de Cristo, im-
penitência de fúnebre passacaglia.

Abriram a janela. Fugiu o pássaro
algemado, volatizado nas mentiras
do Escorpião. A Terra espalha
sementes calcinadas para o baile,
armoriada alcachofra. Têm
mil anos de cinzas tuas pétalas.
Alcachofra, alcachofra! Mergulhas
sem touca noturna de moça desconfiada.
Nenhuma haste fria, nenhuma escama
de corça é suficiente
para alcançar uma serva relapsa
escondida lá embaixo,
perto do último círculo.

Tentar saber

O livro aberto nos joelhos do sonâmbulo
confunde o filósofo ocupado com a maçã
azul colhida no regaço da fria Górgona,
atribulação de sete testemunhas mudas
que não ousam cruzar o rio nem voltar atrás.
Nunca aprendemos nada. Nunca aprendemos
nada. Esquecemos de cortar pedras de
arrependimento, mas o tempo perdido
é sempre computado. E acaba de
afogar-se em números o pensador
anacrônico, com a semente menor do pomo
delator preso na garganta. Por isso

o infólio tomba com estrépito, as rosas de
York estremecem na cabeleira do inocente
amante de cometas. Sentado ao piano
sem mover-se dormes
com as partituras nos joelhos. Ouves,
por acaso? As notas ressoam, estremecem,
vibram em consonância com estrelas
remotas e o rio indiferente, sempre
a correr, sempre a correr
enquanto vagamos pelas margens

sem nunca saber nada.

Desenho num tapete

– Buscar a perfeição é atrevimento,
diz a lagarta para o vento, armando
as saias no buliço da tarde.

– Não se pode competir com os Deuses
invejosos. Só a paródia é permitida.

– Nem a comédia! Replica seu amigo,
enquanto o sino bale com monotonia.

– É preciso quebrar a forma fixa.
Declare-se inútil a velha arte
do retrato – afirma, roendo
as unhas o mesmo arauto. – Isto
é uma ordem!

Com o desaparecimento individual
acaba o mundo. Buscar a perfeição
é só tropeço, aprendizado árduo
do vexame. Mais vale perder-se

no labirinto falível do geométrico
desenho onde a gazela é só
um símbolo e nunca simples
besta que respira.

De olhos fechados enxerga-se melhor

À noite nas fronteiras a música
esmorece muito tarde. Recusam paz,
tantas túbias cruzadas em repouso!
Acordes didáticos de morte deslizam
na campina. Eis o canto. A escala
do urutau remonta às antigas choronas.
Indica a marca úmida do réptil na pedra,
mas a luz azul, de longe ou perto,
segue caravanas pobres, vultos
encolhidos na capa. E o dorido
som dos cantos nunca se cala na brisa
que nas campinas corre pela noite
fechada. Este é o Canto. Memória
do mesmo braço subindo em cacto,
subindo de eras passadas nas fronteiras.

De olhos fechados vê-se apenas o que
importa. São movimentos determinantes
da formiga, carapaça do inseto que tomba
n'água. Antes de acabar a música
uma embaixada parte muito cedo
sem esquecer a harpa paraguaia.

De olhos fechados enxerga-se melhor.
Desdobra-se à minha frente a trilha
apagada, delineiam-se os acidentes
do caminho. Avanço de pálpebras
cerradas, sem ocupar-me com a geografia
fixa da nuvem nesta última fronteira.

Experiência mágica

O poeta John Donne visita
a ilha de São Miguel no começo
do inverno enquanto sobe no ar
o queixume seco das sereias
e na intimidade do camarote es-
voaçam perigosas quimeras
com o belo nome de Hespérides,
Açores – pomos de ouro.

Ali mesmo o iniciado opera
com elementos recolhidos
em grimórios atrevidos.

– O espírito chamado Belfagor
sabe interpretar figuras mas
enorme é sua despesa com espelhos,
tantos se partiram logo
nas primeiras evocações! Finalmente incor-
porada na superfície do cristal a entidade
exige vinho, vinho e mais vinho...
Logo ordena favas negras
e o sacrifício de um pavão.

É atendido. Mas o Adepto assustado
com tantos pedidos lança nas ondas
o fino objeto cinzelado em Veneza
e apaga as velas negras

devotamente meditando sobre
as cinco chagas de Cristo.

No Morro do Assopro

Luz dos pequenos arcanos. Voz matinal
da fortuna dividida entre todas as coisas.
Dom da fala sacramental como silêncio
fustigado no coração da pedra,
animal expansivo na graça
do Espírito Santo.

Salvas, muitas salvas para ti, plástico
minério, matéria incorruptível
tocada pelo báculo de São Gregório
Magno. Luz matinal de meus Tarocchi,
cartas de Marselha cortadas pela mão
daquele que desce do Monte Tabor
com a boca entreaberta para
um beijo de fogo. Convém despertar

muito cedo, abrir as salas
para a Boa Fortuna e esquecer
os prestígios da noite úmida e seus veludos.
Convém levantar muito cedo, abrir
as janelas para golfadas de luz,
saudar o cedro e a palmeira –
esquecer logo o visgo da madrugada.

... E uma salva de palmas para a soleira
tocada pelo báculo de São Gregório.
E muitas salvas para o leão e a aldabra
anunciando o vertiginoso mensageiro,
irmão do pica-flor.

Cat-people

Para Irina

Neblina, fria voz que não desvela
timbre nem forma, respira
ao nosso lado passo a passo.
Neblina, pó vermelho não esculpes
sálico dispor de barbatanas, altos dis-
cursos respiras ao nosso lado
sem descuido de jacintos nem
intervenção no curso do aquelarre.

És cristal que se respira, on-
dulante cortejo de moléculas sem pejo.
Segues dentro do tempo
as rondas, passo a passo
como esponja das marés roçando
os muros. Informe

tua virtude é negação
de todas as virtudes, seguindo
exultante a presa nas savanas.
Mera questão de tempo
o definitivo urro da carnagem,
fazendo em estilhaços qualquer
realejo atrevido que ousa
atravessar tropeçando na paisagem.

Caminhas ofegante. Teus passos
se ampliam no cenário banal,
repetitivo, da piscina
noturna, da última vitrine.

Avança, pois, sem rosto
o passante extraviado:

Agora é impossível recuar
dentro da Láctea matéria onde
a pantera expande um corpo
latejante, construído de
sonho, ou de opalina.

Talvez invocá-los...

Se insistíssemos, acaso eles regressariam?
Mas por que haveriam de atender
ao nosso apelo? Certamente
já esqueceram a trilha per-
fumada, a forma banal
do nosso rosto.

Suspeito que nenhum grito
seja bastante forte para fazê-los
olhar para trás e
procurar-nos
antes de seguir à frente
com suas faces luminosas
e vazias. – Longe, perto,

ontem, agora, nada representam
para eles – os Felizes.

Oculto medicina é paradigma

O pavão dá um passo e filosofa. Des-
loca com elegância a curvatura
do mundo e fecha os ombros,
sonhando fria gota de safira.

Clama aos céus a ave coroada
pois lhe aborrece o esmeril
do gafanhoto. Avança

o pavão, entra na sala
onde busca uma terrina
com bons modos. Para velar
se entroniza na cerâmica
leitosa mas não dorme
pois imóvel elabora
espesso tratado pedagógico
inspirado nas leituras de Al-Kindi.

Sua oculto medicina é paradigma,
irisação sublime da pupila, todos
sabem. E o jardim inteiro
cabe resumido
em sete cores no seu bico.

Depoimento de Tomás Ortiz, dominicano,
apresentado ao Conselho
das Índias

“Os homens desta terra costumam faltar-se de carne humana e praticar a nefanda luxúria de Sodoma, maldita seja!, como nenhum outro povo jamais o fez. Vivem nus e nada respeitam, pois consomem suas torpezas até na luz do dia, diante de todos. Ocupam-se

unicamente em satisfazer seus torpes instintos. Desconhecem

vergonha e amor, pois como os asnos são bizarros e insensatos. Matam ou morrem por nada. Desprezam a verdade, nunca se ocupam com ela. São ávidos, inconstantes e ingratos.

Embriagam-se com vinho de cacto e depois de fumar certas ervas enlouquecem. Entregam-se então a bestialidades indescritíveis. É impossível corrigi-los e inútil castigá-los. São traidores, cruéis, vingativos... Desconhecem a doçura e o perdão.

São também indolentes, ladrões, mentirosos e covardes. Finalmente, nada têm de humano. Raspam a barba e abandonam os doentes para que morram em qualquer ermo.

Desconhecem a Cristo e a mansuetude que somente nossa Santa Igreja sabe espargir.”

Este informe, que agora vos apresentamos, nós o recebemos do bom Padre Pedro de Córdova, que no-lo transmitiu por escrito e também de viva voz,

com muitas outras coisas, durante longas conversações. Mas muitas delas eu calo.

Biombo da Dinastia Sung

A monção fustiga os ombros ferozes
do gêmeo de Saturno, no leito verde
da urbe sequiosa, ali onde se abor-
recem os letrados prontos
para rolar nas fezes e no ouro.

Depois de abdicar da ordem clássica
entramos resolutos no plano do caos.
Vede estes bambus inclinados
pela vergasta prateada da borrasca.

Ninguém fica de pé, o mundo cai
a prumo. O biombo triturado por
chamas de madrepérola abre
sete folhas, narra mais uma vez
o melodrama: todo homem
herda a solidão do seu pai.

Atrás deste cenário queimam-se
ondas de laca preta, consuma-se
o temível sacrifício longe
da prole trêmula, no instante
dos brindes, enquanto soa
o gongo indispensável
sobre antigo balido.

Na fluida China de bazar
que ora me ocupa, examino
o jade calcinado, ouço
as batidas do coração aterrado
pela face do progenitor a derreter-se.
E os traços espantosos aos poucos
se transformam em máscara
de piedade lavada pelo pranto.

Noturno do estádio vazio

Acordar memórias, abrir portões,
abafar sussurros dos eucaliptos
nos tímpanos ardentes, sem
nenhuma ovação. Somente
o espaço retangular onde medra
a planta do silêncio quando juventude
e morte são estádios vazios,
névoa de paraísos desaparecidos
ou nunca existidos. Quimeras. Tântalo.

Inútil suspirar por ocasiões perdidas,
por aclamações no estádio onde
nunca mais pisarás. Percorres
arquibancadas em perspectivas de fuga
com a rapidez dos sonhos. Ali tocas
o giz de alguma Tíbia, o ramo sacro
de arnica poupado pelo enfermeiro.
Lembra-te? No subsolo ardem
chuveiros secos, a caliça sobe
na câmara das relíquias perversas.

A conduta própria dos atletas
sempre te fará sorrir. Agora nenhuma
ovação saúda esta luta romana.
Onde a celebração foi norma consagrada
levanta-se o incansável paladar da morte.
Eis os apelidos, os nomes como medalhas.

Nei, Cirilo, Formoso, Gabriel – Um ríspido
Saturno. Todos estão aqui, celebrados
neste portão vazio de estádio abandonado,
com riscos de estilete.

Ludovica Albertoni

Canto é matéria. Abre passagem
para o duro ofício da escultura.

Enquanto tempestuosa vaga
o leito invade sem fôlego, da beata
Maria Albertoni, o cavaleiro Bernini
some numa viela, para sempre,
do Trastevere, punido
por desobediência às ordens
da Sibila. Canto é matéria

estranha ao fel. Estrutura de alabastro,
mão de ourives cego, prolonga
minucioso afã com gemas e
sanefas na operação opima do Hino.

Depois das aspersões finais
diante da urna onde repousa
em fixo requebro a Bem-Aventurada
acima das piedosas cabeças

inclinadas, foge o artista, inflado
de humildade, talvez insupor-
tável de orgulho, por estímulo
primeiro e secreto de sua ode,
que o mecenas desconhece.

Negras ametistas, berilos, ficam
entre mamas de mármore veladas.
Mas o pequeno osso sem brilho
da relíquia, o poeta o esconde
para alimentar
a ode nova.

Grave delito o esquecimento

Impões ao servo mover-se, em seu trabalho
duro. Descobrir nova senda entre
raízes, o espelho pedregoso. Por isso
grave delito cotidiano é o esquecimento

de qualquer miga ou fagulha. Lembra-te
da rápida passante e seu cão ruço
entre duas portas e do mendigo
ao sol, uma palavra – “ABBA!” – rasgando-lhe
a boca. Recorda inútil carta abandonada
e a caveira explícita
estampada na asa fugaz
da borboleta (tudo é resposta).

Aos poucos o discurso se desdobra
nas figuras mudas dos seres
e das coisas que dançam
à tua volta com ironia.

Impões mover-se ao ríspido poeta
em sua tarefa arcaica de varrer
a soleira e derrubar a porta.

Todas as imagens são náiades
e todo objeto é melodia, chave
de acesso aos fatigados
labirintos na cicatriz do tempo
e na maré vazante,
onde outrora e amanhã
devem seguir enlaçados.

Impões mover-se, criação
e criatura, fora da lava
encardida do pardo
esquecimento.

Sopra o vento leste

Alimenta a mentira no coração
do amante e forja a dúvida no cérebro
do cão. Espalha sete dores
por vendeta o leste malfazejo,
lancinante beleza dos naufrágios.

Com mão espalmada de ferrugem
castiga o ancião e o menino
que nas sombras roubam, presos
no mesmo corpo, meias-luas espalhadas
entre as pedras. É malfazejo, dizem,
o vento leste, quando empurra
fora da página os dedos do escriba

em direção do lodo onde ninguém
respira. Sopra que entorna o leite
das quimeras e apressa a dança
alada dos pulgões vermelhos.
É pedra veloz o vento leste,
filho errante da Mesopotâmia.

Sopra o vento leste e a poeira
come a luz no campo de batalha
onde tombam os últimos heraldos.
Mas o poeta extraviado encontra
por surpresa, antes de ser devorado
pelas sombras, a última pepita.

Relva celeste

Intriga ao vate austero o brilho
da esmeralda, caindo em semicírculo
sobre a campina nua. De onde veio
esta gema fria, semelhante ao olho
esquivo da familiar serpente?

Também austera é a bifurcada voz
que fica e se contempla soletrada
nas pupilas presas à linguagem
da fala, construtora de paisagens
dissolvidas com sombras e volumes
que a luz corta e ultrapassa

em diagramas recorrentes. A mão
não treme ao folhear o tratado
das utopias. Com olho apertado
o vidente registra em folhas quebra-
diças o drama repetido na distância
à sua frente, com solene leveza.
Atrás das pupilas fixam-se medidas
rigorosas, a forma da mesa – relva
celeste – onde giróvago artesão
grava com buril persistente o epigrama
no anular da própria mão. Sobre
o berilo prismático de natureza matinal,

restauradora, ele gira a lupa
cautelosa – mas poeta ainda – acende
no pedaço de sílex o anagrama
do mundo verdadeiro, embriagado

por luminosa relva celeste.

Transgressão da máscara

Somente o impudor mantém a luz do dia acesa. Contra a avareza do pai e a Terra-Mãe, chora temente juventude seu ânimo perdido. Mantém por isso o palco iluminado, os Vingativos.

É preciso dar início às preliminares da tragédia, operações definidas pela arbitrária presença da figueira em cena, onde outrora houve luta de cães, humano desmazelo. Ali

simulam diatribes, os dois irmãos, batendo tamancos no proscênio onde arderam narcisos inconstantes. Urge aquecer a intriga, alimentar a matilha com voz ferida entre latidos, despir a palavra. Fazer luzir a sílaba

essencial, afastando os intrusos imóveis
sob pérfidos sombreiros. O dia aceso
com imprudência imobiliza o Tempo.
Só existe Presente, ácida galhofa.
Em resposta tua máscara toma a forma
de um cubo. Cinco anos em passos
lentos leva o ator atravessando
o palco e traz o próprio rosto
estampado no lenço enquanto
entoa uma saeta.

Encontras tua mulher na árvore

Para cada membro uma carícia diferente
tem o vento. Entre as ramagens o ar
circula pelo tronco e pelos braços abertos,
complacentes. Tudo respira e ondula
da copa até as raízes, indiferente
à ideia da Beleza. A aragem contudo,
em volutas, transmite ao cerne
do arbusto sua macerada doçura
através da casca porosa, guardiã
de última seiva que tremeluz na
extremidade fresca dos pequenos brotos.

Limão, romã, tamarindo. É sempre o mesmo,
seu vocabulário de esposa devotada
e provedora. A canícula e o vento
douram seus cabelos, modulam pequenos
seios estimados pelo rígido vibrato
das cigarras. Vai! Toma-lhe as ancas
e admite o mistério gozoso
da mulher contida na árvore. Desbasta-lhe
os ramos finos, salpicados de goma e
coroa-te a ti mesmo com leves
despojos da esposa vegetal
que outrora perdeste mas reencontras
em meio do caminho, trans-
formada em romãzeira
ou fresco limoeiro.

Espadachim caído numa fonte

Sonora boca de fonte sempre em festa,
teu discurso perene em golfadas arremete
pela fenda escura em duplo sentido:
– Enquanto a água fria estanca o devaneio
o murmúrio contínuo apela ao sonho.

E a máscara da fonte serpentina
mastiga indiferente o tempo ligeiro
em cujo pedestal avança impertinente
o espadachim vivaz que nada teme.

Com movimentos sincopados de quem
brinca com a sombra, chega-se à borda
gulosa da bacia e, volátil arlequim,
exige que se cale a generosa hidráulica,
pois não suporta seu esguicho malicioso.

Abrindo a capa arremete o sicário
dissoluto em pia taça onde esconde,
sem descobrir a face de alfinete, uma fecunda
dúzia de ovos concebidos pelo vento.

Assim o guerreiro epiceno se debate
e flutua na água sem poder voar
nem mergulhar inteiro, moscardo
azul do Siglo de Oro, pobre trans-
missor do poético delírio e
de fatal veneno. Inútil agitar asas
crispadas de arcebispo. Trila,

geme, sacode antenas duras como espadas,
e, por fim, morre na fonte o espadachim
pai e mãe de si mesmo, cantado
em ária triste de Mudarra.

Na véspera das Adoníades

Nem a lisa epiderme do belo Senhor Morto
será poupada em sua urna de vidro. O princípio
da catarse exige dispersão completa das
riquezas da antiga urbe onde conheceste
pela primeira vez plenitude e abjeção.
As enlutadas seguem o cortejo
nada poupando – a morrer de rir.

À margem de fortes águas apuras
teu clamor insensato. De novo se aproximam
as choronas em tumulto, buscando
alimento. Nada será poupado. Nem
o braço nem a perna. Não sabes
quem são elas e caminhas in-
diferente ao seu encontro.

O lótus, o açafraão. Algumas
plantas são como chaves azeitadas
que, sozinhas, giram nas fechaduras.
Nada pode impedir a execução
minuciosa dos ritos – disse o sacrificador –
penetrando na sala do fauno Barberini,
rapaz obscuro de perna dobrada,
exibindo o pequeno sexo adormecido
na macia paisagem do ventre.

Todas as suas belezas foram exibidas
com afronta. Mas a quem? O sol, a lua,
mais o zodíaco inteiro aguardavam
que o tumulto passasse para escondê-lo.
Indiferente, ele dormiu todo o tempo.
Nem os gritos repetidos, nem o ruído
dos sudários rasgados conseguiram
que o imprudente acordasse
antes da aurora.

Artes da Sibila

Indestrutível, indevassável forma, piedosa
dimensão reconstrutora dos naipes per-
mitidos – que são quatro, como quatro
são os elementos e as idades. Sentada
junto à porta, sobre a pedra, a velha

dama faz a trança, o fogo da aguar-
dente meritório assinalando a dis-
tância de onde trouxe esta paixão de ouvir
cerrada e rude. Com artes matriciais
ela resgata e ampara obstinado louco

que busca em cada escarpa a alma sutil
que se perdeu. Toma-o nos braços e
o acalanta. Extrai de arca escondida
os bons remédios que viajam com ela
desde outrora, quando a verde luz

coava na terra seus claros prestígios
e a serpente antiga legislava feliz
pelos caminhos. Sozinha, conhece e
manipula finas ressonâncias e palavras
como bulbo e amanita, minúsculas

sementes entre inumeráveis sílabas
do cascalho rumoroso. Pétrea testemunha,
cortas o baralho onde ressoa a dança
elástica das teias nos salões e nas cavernas
preparadas, os elementos das idades debatendo.

Não te ocupas da beleza, mas sendo bela,
atrofias a própria imagem sedutora.
Indestrutível, fechada, és simples pedra
escura, velha adivinha desolada, sem
nada descobrir, na beira do caminho.

Vê-se o arlequim irrefletido

Deita-se no chão fresco da sala e imagina o som da música mecânica ou das ondas, face colada às tábuas enceradas. Madeira de cedro para esculpir ex-votos – um belo coração amante e rigoroso. Vê-se o arlequim irrefletido dobrar a aposta, servidor do risco gratuito e pirotécnico, pronto para seu melhor desempenho.

Salta arrastando farrapos coloridos. Azul, limão, cinza e coral atendem ao repique da viola de arame, ao toque rijo e funesto da bandurra, exercício de livre fantasia e ascetismo. Sob

holofotes o arlequim supera-se, reflexo de metal intangível. Que cintila sem perder-se nas peças diferentes do cenário onde se exhibe e se esconde malicioso para consumir agora, entre duas sereias de porte vivaz à moda de Monte Carlo, o definitivo salto diante da plateia consternada

pois são estas as guerras fratricidas do arlequim e da ferosa manjerona.

Elogio do riso

No convívio principesco exulta o riso
inventor de inocentes armadilhas,
desatado tambor-mor de mil trapanças.
Todos riem entre os seres, às bandeiras
despregadas. Sem o cordial apego
ao riso – quem se abraçaria?

Ri-se sempre acompanhado. Sozinhos
não riríamos. Faz-nos rir o estrangeiro
a tropeçar na calçada. (Mas zombaria
não é riso...) Ri-se melhor quem ri
primeiro – dos desastres de si mesmo.
Exulta convulso e seco, sem deixar
para ninguém meio pedaço de riso.
– Mas que os outros sorvam prantos!

Improvisa o ator jocundo, solfejando
fresco riso para contagiar a equipagem,
vendo o barco soçobrar no furacão.

Antes pois de sumir das ondas
vestido de azul e branco, mais vale
morrer de rir do que apelar
para o pranto.

Retrato de viajante inglesa
por Dante Gabriel Rosseti

Gladys Gray desembarca obstinada
seguindo um simulacro na penumbra
do retrato frontal que se duplica
em outro sexo, talvez o esboço
de algum mito platônico. Incógnita
foge sob véu sujo de cinzas,
última lembrança da maldita urbe.

Traz pequena bagagem de mulher
que esconde de si mesma uma face
cortada pelo meio da retina dura e
obliterada dos espelhos de bordo.
É por agosto e oscilam esquifes
na baía, água maldita.

A lancha já ultrapassa o Lazareto,
alcança o porto imóvel, sem vento que
soprasse o ardor da face crispada
por fagulhas e aguardentes.

– Quem sou? Indaga a Encoberta,
de onde venho? Femina errante
aperta contra o seio partituras
obtusas do violino que perdeu as cordas
e caiu no mar. Agora em terra,

eis Gladys por fim, modesta aventureira.
Modelada na luz do primeiro reverbero
cruza a praça da Alfândega com passo
ligeiro, sem sonhar sequer com a mol-
dura ideal que breve irá contê-la,
recriada por certo pintor nefelibata
que há muito tempo a viu passar,
calada e fugaz, sob as claraboias
da estação Vitória, seguida por De Quincey.

Folias do Minotauro

Violenta casta de volúpia que não despe
do corpo desejado as sóbrias vestes, mas
direto ao coração avança com rígido
chifre, anseio do objeto amado – sedento
e tresloucado. Eis mugidos e gritos
estampados nos muros, folias do
Minotauro celebradas em covas onde
apagam-se lírios transbordantes
de hipnose. Pois deve morrer o herói
contemplado pela ternura da besta.

Nesta arena pousa indiferente o olhar
esmaltado da silenciosa mãe das cor-
rentezas, que tudo lê no escuro
reverso das crônicas abertas, onde
o fio do ideograma se faz música.
Violenta casta de volúpia, construção
do Minotauro na moeda de prata
quando urge sacrificar o dançarino
imprudente, nimbado hálito matinal
dos trevos, ao rústico animal
filho do rei cativo. Invoca quem

mais sabe. Ao poeta ínfimo da corte,
talvez ao adivinho. Ninguém há de
trazer-te o calçado, um pedaço de om-
breira remissivo ao idílio circular,
ao diagrama do salto entre dois cornos
afiadíssimos. Em passos regulares
organiza-se a dança – imponente
criação do pai remoto, avô e também
tio do próprio filho, este que executa
na arena com seu par as santas
Folias, vestido de cego Minotauro.

Ao peregrino de Castela

Outro, não tu, cruza a porta iluminada
e prossegue em direção do mais concreto,
isto é, da pura ideia. A ti, porém, não vale
esconder-te atrás do símbolo. Não importa.
Sobram para ti os trezentos degraus
do Sinai em calcário rosa, dispostos
tumultuosamente, sacudidos
pelo fluxo das estrelas.

Certamente és uma força pretérita.
Recuas atraído pelo pranto do porta-
estandarte e pelo tropel dos cavaleiros
de São Lázaro cortando as ruas
em meio das labaredas, há mais de
um século, na cidade de Lajes. Com terror
e piedade alcanças caravanas apressadas
em direção da noite profunda,
união das almas na mesma substância.
É certo que não foges. Nenhuma
ameaça desfará os laços de

tuas fibras ligadas ao remoto
caminhante, como dor num membro
amputado. Desdenhas toda mágoa e
qualquer ladainha. A dispersiva claridade
do adro ofusca os convidados da boda.
Recusas qualquer luz adulterada
pela mentira, quando tu te voltas
para as sombras da alameda onde
levanta-se o farol de Alexandria
materializado num hino, em novembro.

Camilo de Lellis

Para Silvia

Mergulha tua pena, ó narrador,
no espesso carmesim do sangue das moreias.
Descreve sem tremer a aventura terrena
– que foi breve, talvez muito longa – de Camilo
o celebrado de Lellis, ameaça dos caminhos,
mercenário, mendigo e finalmente Santo.

O celeste Escorpião o subjuga, consumido
pelos males de Vênus e da fome. Agora
reconhece nos escusos abrigos onde
passa, sempre repetida, a face dura
e cinza do Cristo eterno da miséria.

Possuído pelo insondável desatino
da Misericórdia, cauteriza e corta,
aviva o lume. Os caminhos violentos
conhecidos servem-lhe de amparo
nesta noite escura. Sozinho recolhe
os mortos, dá-lhes o econômico re-
pouso de uma cova. Abre as vísceras

do peixe procurado e com o frio
azeite faz unguento, ampola que
leva sempre no cinto. Aquele
que assistiu Tobias o acompanha
em sua errante medicina, rompendo
nas vias carcomidas das batalhas.

Pias narrativas maravilham-se em Camilo,
provedor de abrigos – que
abandona ao ferido sua capa e logo
parte em busca de socorro mas rende
a alma, alcançado pela neve
em meio do íngreme caminho.

O sol ardente dos finos licores

O tema dos licores sucede à fecundação
auricular como norma de incesto
em câmara estival ao modo frígio.
Ali paredes são cobertas com sumarentos
pomos colhidos por garras tortas
de monos irascíveis, ébrios de amanita.

Nem sempre somos tudo que fazemos
mas nosso licores preferidos guardam
o travo precioso dos mais caros excessos.
Nem sempre alcançamos em tempo
o mercador sutil destas essências
– leite do Perfeito Amor servido
num dedal de calafrios.

Como velhas marafonas, licores
são maleitas, trazem febres, pro-
vocam exílios com estridência.
Nos recurvos aspirais dos alambiques
soa o carisma da gota suspensa
sobre a língua como lâmina de faca.

Talar xarope se transforma em medicina,
beatífico veneno apaga o aço
dos espelhos, sol que não é sol,
luz silvestre de profundas lagoas
onde vai dormir suspirando
o atilado bebedor, o saudosista.

Sobre a ciência do armorial

Na sala de armas se ultrapassam
últimos vestígios do aconchego cortesão
e da mulher, tão estimados. Afasta-se
daqui o rumor das sedas e o aplicado
tatarar dos leques é virtuosamente
escorraçado. Nenhum espaço para
sapatilhas de baile. Apenas o impacto
do ferro lança fagulha contra os muros
dentro da sala sem mais portas
que o retângulo aberto na fornalha
com registros de animais bifrontes,
disputa perpétua entre matéria ardente
e razão dura. Sempre há de queimar

a lenha do sacrifício, apelo e devoção
da soldadesca da Fé, Legião Tebana.
Piedosa. Intocada. Implacável.

O tigre, a águia e o corcel branco
estão servidos no leito das sementes
e no lagar carmesim. No terceiro
embate a seta cravou-se no calcanhar
e o herói se deteve, ácido veneno
subindo até o flanco – onde cons-
truíra seu escudo. Trazido à sala
em ferros, era igual a nosso príncipe
o último inimigo. Pois vibra em todos nós
o mesmo sangue impertinente. São

dois perfis, chacais de goles sobrepostos.
Em linguagem de armorial dois animais
passantes, filhos da mesma Loba.
Heraldos do mesmo porte e régio cromatismo.

Maravilha-se o aedo sem modéstia

Certamente somos raros, sempre
recopiando o verso malicioso
que teima esconder-se por farsesco
em sua verdade clara. Sob a copa
anacrônica de feltro, dorme
o fino grão do poema, a audaciosa
metáfora pronta a suportar
o alvo edifício futurista. Chora

a tríplice figura, empalidece, des-
perta tropeçando mas prossegue
o trabalho com pena rombuda
num gemido de rodas arrastadas
morro acima por uma junta de bois.

O escriba move apenas a mão,
aranha ligeira sobre uma placa
de barro, sem repouso. Mas o verso
se entremostra por instantes, logo
escapando em direção dos fliperamas.

Maravilha-se entretanto o aedo sem
modéstia, estalando dedos hábeis
sobre três cordas apenas. Só na memória
busca os feitos e a voz da carranca te-
nebrosa que foi sua outrora, na proa
do barco. Talvez agora, cego,
sentado à porta de rústico caiffo
sem temer o fantasma parnasiano,
ele abre a boca rasgada e anuncia
finalmente um Canto Novo.

Diante do mar de fogo

Contempla esta forma pronta
a dissolver-se sob pressão das chamas.
Retira as luvas. Toca o ardente ônfalo,
taça de nostalgia operante – sempre
apta a regular e a mentir. O desejo
e o medo nascem da mesma água
que, sedento, tu bebes sem repulsa,
alma imprudente.

O fogo não se apaga entre as pedras
revoltas. Estás em tua casa, ó minha irmã!
Prosegues tua leitura – outrora inter-
rompida em meio ao triunfo falaz
quando ardias vestida de lã branca
nos ombros de teu pai.

Agora te levantas, pronta para o rapto,
túnica erguida com sorriso nos lábios,
fechada no iconóstase sem desmaio.
A eloquência fatal do áureo elemento
consome tua clara juventude.
Corre. Corre sem voltar a cabeça
coroadada de línguas de fogo.

Nunca és a mesma. Quando alcançares
o andor na curva do caminho serás
tão antiga quanto os santos
objetos sob o pano de linho.

Aqui nasce o costume de ajoelhar-se:
não para humilhar-se mas para ver
melhor no plano do horizonte
a extensão da catástrofe.

Onoma

Aquela que pariu na chuva uma criança
iluminada ditará o livro sem abrir
os olhos, de pé, no centro do palco
italiano. Afasta então – ó Apolônio! – esta
fímbria rebelde da testa onde correm
mamíferos muito antigos, ar-
mados de estiletos para espetar
no coração insidioso da próxima aurora.
– Mas sem rancor! – Explica o pedagogo
afogando-se na trompa, sem
sequer um grito de socorro
ao Deus sofrido, antimatéria.

Em meio do caminho esgotou a operação
do olhar e deitou-se na calçada,
ouvindo as ressonâncias da morada
onde se guarda a imagem
do pequeno vulto radioso, dei-
tado sobre flocos de ouro, capaz
de ver e não ser visto, mas
respirando sem abrir os olhos,
agarrado aos dedos da mão hermética,
umedecidos pela garoa.

– Teu inimigo é o perene Desejo! Clama
o velho guia, carregando
o cenho. – Em dias próximos virá
um Menino. Seu rosto brilhante
comparado ao espelho polido
por brutal mão devota.

Virão do oriente sete reis
e uma serpente. Sua picada fatal.

Nicho do amor profano

Debruçadas na varanda três mulheres
empoadas, vestidas de prata e rosa,
desafiam a gravidade. Ao fundo
as amparam sóbrios pícaros sentados.
Muitos mimos trazem elas no decote
e nos cabelos, cintilando ao fim da tarde
pelo início da quaresma, enquanto res-
piram ardilosas solanáceas. Triunfo

do olfato desejante, ardem no entusiasmo
do músculo e da linfa, imóveis apsarás
prontas para a ronda, espargindo
fagulhas, ouro sigiloso. Desafiam

a gravidade, mas compactas. E dão-se
as mãos prontas a saltar
no espaço sobre as ruas, des-
dobradas em perfumes africanos.

O corpo é, pois, sua virtude e
alcança neste nicho a necessária
forma tríplice, aclamada. Em ver-
dade é apenas uma, mas são três
na mesma saga. Viola seca de arame
as acompanha. Sonham adejar
sobre os telhados mas prendem
com mãos cheias de anéis as grades
da sacada, trinitária serpente
da cópula profana. Preciosa é
a penitência, os dias fastos da melancolia
quando à sacada, suspirando, investigam
o céu rosado e sujo, em agonia.

Leonor às sete da manhã
(em Santa Filomena)

Leonor, às sete da manhã vencidas,
pálpebras salpicadas de ouro
na cozinha aberta, lê argentinas
palavras de Lugones, chuva de
fogo intermitente sobre muros
de Sodoma e cinza tóxica. Fresco
vapor flutua na corrente
embaixo das janelas, enquanto

irrompem além maduros cogumelos
ungidos pelo cruciforme espírito
dos mortos. São belas mãos
virando páginas feridas
pela claridade vã, negando
a prepotência do Hades contido
no apelo singelo da amanita.

Desbotados espaços nas paredes
guardam risos, sombras dissol-
vidas na corrente lustral
do esquecimento. Da memória
mineral dos animais que dormem,
recolhes evolada essência
do perfume, feno, astúcia.
Correm as telhas sobre as vigas
e a leitora cerra o livro
suspirando.

Esta moeda que recusa

Esta moeda que recusa
cauterizar a pálpebra onde
pousa o sonho é teu merecimento

e dos maiores que tu, aqueles
consagrados em Áfricas, cobertos
pelo anil dos estandartes mutilados
sem pressa de recompensa.

Bem pouco conheces tua linguagem
esquecida pelo medo do mergulho
inevitável no país das sombras
onde te aguardam figuras
solidárias nos tombadilhos.

Moeda que recusa cauterizar
a pálpebra, a boca infantil,
a testa lisa de desejos. Tens
olhos selados pela indi-
ferença cotidiana,
incapacidade de ver,
de tocar as duras
penas do açor.

O preço da Sagração é moeda
lançada no tapete a teus pés
com indiferença.

Cruzando o Rio Adaga

Forte juramento sobre o Rio
de tua porta. Adaga que atravessa
umbrais sem aguardar resposta, a corda
do violino é menos dura. Não queima

o Escorpião com tanto ardor
nem um coração ferido é tão espesso.
Inútil jurar sobre a colina macia
ou invocar retratos de velhas casas
queimadas. Lanças tua imprecação
funesta acima das águas tumultuosas
desprezando aplauso dançarino.

Mas rogas que teu braço seque
se esqueceres as palavras, a força
do passado que as imprime.

Implacável testemunho da correnteza
entre os domínios terrestres
da urtiga e da pedra-ferro.
Rio Adaga, Rio Adaga, em tuas margens
levantam os braços descarnados
fantasmas. Impossível cruzar
tuas águas sem cumprir juramentos

implícitos na forma ágil da matéria
sonhadora. Esqueces antigos amos,
nunca foges das margens revestidas
por fatalidade. Juras
sobre águas turbulentas
de riso luminoso, ó coração fiel.

Ouve a cala:

– Em toda moeda consagrada
pelo batismo tuas águas correm
como símbolo essencial
do perpétuo retorno.

(Do perpétuo retorno
das águas do Abismo.)

Rio Caveiras

Vamos ao baile antes de morder
o pó. Na faísca fria dos facões, o ver-
dadeiro amor se realiza, pelo Caveiras
silencioso. Sei que podes rir... Contudo
és uno e múltiplo. Nenhuma
operação da inteligência romperá
nossa irredutível natureza reverente.

Vamos, sim, ao baile. O tempo corre
sem franzir águas dormentes. Posso
alcançar o barco tropeçando de sono
nas margens sem pandeiros
nem vísceras apertadas com o punho.

Importante

é reconhecer a fala doce, o passo
de soslaio que salva por momentos
tua vida malfadada. Indispensável
nunca romper o fio ardente
que te devolve ao obscuro leito
das mães onde serás destruído.

Que finalmente possas
recuperar a fala, o diálogo
com os elementos. A terra
é preguiçosa, disse o sábio.
Ela só quer dormir. Mas a água
pode correr. Vamos ao baile,

já se avista o salão aberto.
E a pedra de amolar.

Rio São Mateus

Agora as águas tristes da Razão
querem poupar-te da morte. Toquei
o limo frio, as enredadeiras mudas
do fundo, tu me arrastas
para trás, tu que não te moves, Rio
São Mateus de águas solertes, planas.
Em tuas margens sentei-me
sem erguer os olhos, ave
oculta no capim rasteiro. Vi o céu

como faca de mola cortando seda
escura. Quero alcançar as vozes
mastigadas pelo lodo e mirar
o espelho do cão. – Ai! Rio
pobre nômade escondido de
aborrecida fama.

A torrente maliciosa da Razão
tenta afastar-me de tua casta
memória: – Nenhum percurso
saberá devolver-me ao desaparecido
país das taipas onde celebramos
nossa primeira infância,

ébrios de tua água.

Noturno

A cada qual ensina o vento
da noite o difícil ofício de morrer
sozinho. Assim deve ser,

e um arrepio corre
pelas coisas solidárias
nesta hora. Lâmpadas,
bichos, mariposas...

É bom estar desperto
entre móveis familiares
ouvindo
o estalar insano
das folhas nas vidraças,
com dedos vermelhos.

Arrastada num tropel
de retalhos descosidos
emigra a noite
sem ponteiros.

Sim, por desafio
danças a pavana.
– Morrer sozinho,

diz o telegrama.

Aqueles que sobem ao monte

Aqueles que sobem ao monte
muito cedo alcançam logo o sol
brilhando do outro lado, e antes
de nós avistam todo o espaço
e comungam com o voo
inocente dos alados. Cedo

abandonam o leito úmido de
sonhos recorrentes e saem
sem despertar a casa nem olhar
para trás, deixando a lâmpada
acesa sobre a mesa da copa.
Encostam simplesmente a porta

e partem com olhos lúcidos
de legítimos videntes. Seguem
a trilha – e silenciosos – outros
já os alcançam na primeira curva
do caminho. Assim o grupo vai
crescendo sem tumulto em direção

do píncaro sulcado de regatos que
a névoa entremostra, mas a fragrância
rústica de aromáticas virtudes aproxima
como estímulo frugal aos peregrinos.
Tábor, Sinai, Carmelo, qualquer Monte

Cinéreo. Muito além! Como é belo este
cúmulo imanente e compacto! E todos nós,
embriagados por danças ligeiras,
sonhamos escalar sem riscos suas veredas
constituídas de elementos minerais pre-
vistas e outras tantas surpresas simbolistas.

Passagem do encoberto

Granito é espectro e a luva desabrocha
qual mirtilo no jogo cruel de fixar
no tempo os passos do Encoberto, pois
só ele romperá o círculo,
a espantosa ronda dos contrários

que pululam na acidez da névoa
sem antídoto para os males da deses-
perança enquanto a brisa leve
se transforma em vergalho ardente
sobre tuas espáduas, companheiro...

Existem ruínas. Arcadas, lances
trémulos de escada, pedras cúbicas
imaginadas com precocidade e nos-
talgia. Tu redimes os agravos do luto
e os entulhos árduos das cidades.

Sim, voltarás a ter conosco, ó incorrupto,
rasgando as névoas ofegantes das matinas.
Prostrados nas melancolias duras
das guitarras esperamos tocar
o lenço amarrado sobre os rins, livre
do tronco – semelhante à raiz
e à semente.
Trazemos tua medalha sobre o peito.
O dia mal começa, igual ao tempo que
há de vir – quando de tua passagem
luminosa – o Encoberto.

O cozinheiro infernal

Não podes desejar quem não devoras.
Não podes desejar se não devoras.
Não podes devorar se não desejas.

Observo membros sonhados
numa arena íntima que recuperas
de memória com precisão de ourives.
Escutas o latejar das têmeoras
e teus maxilares crispam-se
quando refletas na carne ex-
posta do amado, para ser consumida,
pulsando ainda entre blocos de gelo.

Não podes desejar quem não devoras,
não podes desejar se não devoras,
não podes devorar se não desejas.

Primeiro o coração, carmim absoluto,
logo o fígado, o ácido pâncreas
onde os pensamentos sufocados petri-
ficam-se em jardim de cartilagens.
Mas convém voltar depressa
à epiderme, onde abaixo das claví-
culas inclino-me para morder
duas rosáceas antes de descer
– rubro e ofegante – até as graças
da tensa e amável cintura. Depois,
depois de longo tempo, saciado,
sob frescas copas de qualquer oásis
irei deitar-me, tendo as garras,
o queixo e o peito negros de sangue seco.

Não podes desejar quem não devoras,
não podes desejar se não devoras,
não podes devorar se não desejas.

Isidore Ducasse é arrastado pelas vagas

Quando em sono profundo recuperas
teus dotes originais de notório adivinho
vem deitar-se a teu lado alguém
que assombra a queda dos planetas,
semelhante a uma espada, exalando
amina óxida e lírio-do-vale.

Muitas são as naus que soçobram
dentro da noite fria, enquanto
dormes velado pelo canto
do gigantesco hipocampo, pai
dos mares abertos e do oximoro.

Certamente a mão desataviada
que estendes fora das águas abissais
destes negros lençóis busca tocar
outro corpo, inspirador das heca-
tombes que sonhas, para apressá-las.

Funesto projétil, Maldoror és
impelido rumo ao amargo oceano,
armado com duro fórceps do discurso.
Vai! Devem desaparecer todos aqueles
que te amaram. Como a cauda de um cometa
a cabeleira do gentil Marvin ousa
acenar um adeus para o herói monos-
silábico que luta no horizonte contra
as vagas.

Arte cênica

Eliminar o medo implica dançar
dentro da gruta escura, iluminando
as paredes com o riso. Grotresco
chama-se o tríplice cardo
na testa da sereia-coruja,
impertinente lição de Ver-
nacchio – mimo egresso das ruas
trancado na caixa ressoante
do átrio subterrâneo, onde
se realiza o primeiro
espetáculo sem tributo
de sacrifício.

Incomparável efeito
da dessacralização do palco
tomado pelo humano vômito
da comédia. Importa na arte
do grotesco o colorido. Insolente
inocência do vermelho no banquete,
quando miseráveis invadem a mesa
e o ator obeso é escorraçado,
tropeçando no manto sete vezes.
E as máscaras de cão, as pernas
de cegonha. Importa mais o ventre
nesta cena, além das cabeleiras
turvas onde silvam eriçadas
dez serpentes – pois ordena
o poema somar tudo.

Se caminhas pelas ruas

Se caminhas pelas ruas vais
ouvindo os seres ofegantes
que respiram. Logo evocas
inacessíveis ossuários, ar-
quivos do ressoante
caramujo. Nele

encontra-se o discurso
perdido nas estantes her-
méticas da abóbada celeste.
Se levas ao ouvido o róseo
emblema calcinado
escutarás a voz

da plebe rouca como areia
em sua desdita; soprando
pela fenda do crustáceo
um ciclone sinaliza aberto
neste canto firme. Sem

te deteres, fátua natureza,
segues nada sabendo
de tudo que as palavras es-
clarecem. Sim, caminhas
nas calçadas e obedeces
ao instinto do animal que
te pertence.

Páscoa da Ressurreição

No píncaro do ovo a incrustada
Baía de Nápoles reluz com frio
monóculo. Tudo é luz.
Tudo é matinal ressurreição
roçando os dentes
da hortelã.

No fundo do objeto confeitado
e doméstico, abre-se o cenário
de cartão dourado: Vesúvio
colado ao óculos, com
particular habilidade. Mas

o ovo petrificado escamoteia
qualquer ornamento, concentra-se
na milimétrica nostalgia desta
convencional paisagem,
ocupado em notificar
sua esperança na ressurreição.

Convém erguê-lo, sim,
contra a luz mais casta,
para extasiar-se com o brilho
da estampa fechada, colada
ao vidro minúsculo, preso
na extremidade do bojo
ovíparo. Inútil

indagar por que está ali
esta imagem, e não outra,
oprimida pela ameaça do vulcão
com sua promessa de lava
e aniquilamento no dia

da Páscoa da Ressurreição.

Retrato de Músico Cego

A luz favorece a penumbra
do instrumento quando incide
na área do fatal desejo.
Os dedos tangem a viola
muito além da candeia
acesa pela disciplina
amante da obediência.
Segue a curva do som.

Alcança outras arcadas,
emanação de seda fria.

A penumbra externa ampli-
fica o perfil recortado
pelo silêncio preexistente
onde se apoia nova melopeia,

fagulha recorrente igual
ao estalar das brasas
no parco fogareiro
mas
outra luz veloz consente
em fixar o rosto, o torso
cingido pelo gibão
do músico inclinado
sobre o instrumento

familiar de mistérios
antigos, capaz de transformar
em dança jubilosa
qualquer ária funesta.

No banho dos ciganos

Afirma-se do ouro a cantar diante da fonte
o seu odor a marijuana. Feliz metal
que dobra os dons supérfluos
da natura, sempre folgazã.

O sopro das palavras cura
ou mata. O mesmo não direi da planta
cruciforme e sua raiz aérea
amarrada na cintura do cigano
enquanto mergulha

jubiloso no líquido solvente.

Descalço isola o cobre. Toca o fundo
primeiro a sua mão esquerda,
amassa o barro. O olho lê o som,
desvia a lança que perfura,
buscando alvos cavalos em

hibernação de água marinha.

Na sombra o risco são duas mãos
em concha sobre lâmina plena
de eletrodos no visgo. Vibram
no silêncio os corpos misturados

na mesma lama vermelha
própria e necessária ao banho
dos ciganos, terapeutas. Pois rudes
e austeros sabem eles debelar
a lepra e cruzando dois punhais
concebem deslindar

a sedosa crina dos cavalos.

Esqueces teu lugar de nascimento

As ruas. Poeira encarnada e promessa
suspensa de primavera traída, que nunca
chega aos galhos mortos dos castanheiros
da Avenida do Maine. Esqueceste tudo...

Olhas o cartão postal salpicado de pur-
purina e a perna modelada da passante
com o fio da meia afrontosamente corrido.
Caminhas apressado, como filhote
de tartaruga buscando o mar.

Não podes recuperar as testemunhas
nem a cigana do “Chez Cathy”, outrora
hóspede da fazenda Antonina, com seu bando
instalado nas margens solertes do Rio
Caveiras, do outro lado do mundo. Esqueces
teu lugar de nascimento, antes da terra

fraturada. As ruas em perspectiva
nunca se encontram no tempo, reclamava
o Dandy. Agora o pó adere às roupas
penduradas na porta do trapeiro, com
poeira moída de ônix e café preto
para os lados do Marais. Extinta a luz
do revérbero inefável das aparições.

Adeus Dédée D'Anvers. Adeus hierática
Antinea, inacessível ao perpétuo Bolero
castigado pela música mecânica. Nem
sequer passaram o cadeado na porta,
pois a hora do resgate chega sempre
tarde, quando até a forma do quarto,
a disposição das luzes ou do largo sofá
foram igualmente esquecidos.

Na ponte o Narciso se mirava

Na ponte pênsil o Narciso se mirava
com horror, por não se ver repetido
n'água escura. Pois outros objetos
não queria. Apenas a si mesmo
como prêmio e delícia, estouvado
pastor (entre espasmos),
sozinho pretendia.

Debruça-se. Estende os braços.
Só espumas tocam os dedos mal-
tratados. Em vão tentam colher
ondulantes cabelos da esplêndida
figura supostamente deitada no fundo
ou já partida rumo a outras águas

mais surdas. Devido a seu impulso
rude estremece e balança a ponte
perigosa. Inclina-se e tomba o doce
Narciso catatônico. A história
se repete fatalista e nos faz rir,
grotesca experiência de botânica.

Já escuro sopra estremece em frios
caniços, para acolher na margem,
transformando em flor, o funesto
efebo filho de Cefiso e da fosca
e perplexa Liríope. Pobre Narciso,
procurando espelho. Perece? Não,
pior! Transforma-se em insípido
botão regurgitado na lama.

Príncipe Submarino

O fértil grão de areia que desloca
sete torres. Muito saberás ao fim
do dia. Em vinho puro trans-
formas água corrompida – na taça
de Namor, absorto (lembra-te)
na poltrona dividida com peixe
heterodoxo – emblema
do favor submarino.

Alcança o barco. Foge depressa
rumo ao palácio lá no fundo,
logo após as cinco horas da tarde
e Charlie Chan, e o filme de terror
cruel e puritano. Príncipe!

A foice da lua te saúda, errando
toda a noite com aprendizes. Tu
que não sabes chorar és o primeiro
a decifrar vulcões. Contempla
o herói epiceno em sua nudez e
aprende a operar com duro
espanto jubiloso: – Dos ombros

até os joelhos, podes atestar
a qualidade cintilante das escamas,
a impermeabilidade da máscara
no triunfo da aurora.

Avilta-se quem ama

O amor é duro como o inferno.
Santa Teresa de Ávila

Avilta-se quem ama, com certeza
ao exhibir cicatrizes como emblemas
entre mal afamados pícaros nas feiras.
Avilta-se quem ama e ostenta
esta paixão de amor, ambígua e triste

como um vício. Avilta-se quem
ama, entre amantes satisfeitos,
duvidosos, e ousa pretender
a menor correspondência. Aprende
com as secas paisagens da meseta

e com as pedras que não falam:

a verdade é dura. Sua morada,
a noite absoluta. Esquece uma
suposta doçura do amor, feita
de engano. Recorda sempre

sua dureza.

Nada espera deste amante
cuja face é esculpida pelo vento,
pelo vazio, por solidão,
pela incerteza. Avilta-se

por amar, quem canta. Avilta-se
por amar, quem chora. Pois amar
é amar a quem sempre se transforma
e nunca se recorda, sempre es-
quece os tormentos que inflige

e não padece.

De uma carta de Antonio Palma

Alcançam longa vida os nativos destas terras.
Aos cem anos guardam todos os dentes e
com surpreendente agilidade sobem até a copa
dos pinheiros mais altos em completo
silêncio para espiar os membros das tribos
rivais debruçados na fonte depois da caçada.

As mulheres guerreiras – espécie de Amazonas –
alimentam paixões cegas por suas presas
de guerra que choram e se lamentam,
sabendo que em breve, em certas noites
de plenilúnio muito abafadas, serão finalmente
devoradas em meio de arrepiante alarido.

As taipas da grande mangueira velha da Antonina
são centenárias. Já estavam lá quando
a velha casa da fazenda foi construída sob
o comando de um mestre italiano. Os índios
evitam este lugar e nunca aparecem ali
depois do pôr do sol. Eles temem

o obstinado espírito das coisas, larvas
que se animam à noite – forças inimigas
do homem – ansiosas por destruí-lo.

Lá, as pedras são escuras, de um negro
azulado como ferro, e uma vez polidas,
brilham mesmo à noite.

Convém ter muito cuidado.

O colar partido

Notável desmembramento como fábula e discurso. Colar rompido na batalha, enxame de pérolas varrido por fortuna e sacrifício.

– Teatro e batalha, braços e lápides vergadas por lírios de granito na Campina Seca onde se batem mouros e cristãos – indispensável dissipação que gera o drama, língua cortada na raiz com raivosa dentada – agora Mito.

História do colar rompido numa cavallhada impetuosa, de aparato. Trezentas e trinta e três pérolas tinha o colar de Belmira Rodriguez, cedido como prenda a seu noivo, também Saladino, para enfeitar-lhe o turbante.

– Nunca o emprestes! Decreta
africana dama da corte, sua madrinha,
legando-lhe o leitoso oriente
de três voltas com ovo de pombo
ferido, na altura do seio;

também frio marulhar marítimo
disperso como chuva
num torneio serrano.

O pintor executa um telão
(Teatro Paroquial de São Joaquim, 1947)

Para Martinho de Haro

Existem urtigas pedregosas entre
as taipas. Espinhos ácidos, ardentes,
armam laços rasteiros, imobilizam
sonâmbulos em meio à geada e
ao susto das gralhas
picotadeiras nos campos incli-
nados em direção à estrela Sirius,
perfume dos fornos nas periferias...

No inverno a Grande Obra paralisa-se
em meio aos gritos na casa
da semente. – Só o artista,

de pé numa cadeira, organiza,
seleciona e dispõe sobre o telão
semiengomado o simulacro do
antigo jardim – ou pomar –
onde, na luz cálida do verão per-
pétuo, a serpente desafia
o demiurgo, pisando na fronteira
racional entre rude demência e
doce Arcádia. Observamos
na pintura algumas raparigas
entretidas em colher maçãs
num bosque banhado pelo êxtase
do cotidiano corrigido
pela memória. O pintor ocupa-se

de um presente contínuo, sem falhas,
onde os trabalhos são verdes jogos
na beira do palco. Dali observa – e
talvez ouça sem cair no poço da orquestra –
o farfalhar dos vestidos ancilares
as formas compassadas,
escultóricas. Com rápidas pinceladas
rouge de Venise e ombre verte, corrige
a doçura e estanca a demência,

pois conhecendo a fragilidade da beleza
– sabiamente – distribui as catadeiras
como notas na partitura ideal da cena.

Las moradas

Apanha um tamborim e dança no meio
da cozinha, esquecida das terrinas e
dos pratos empilhados nas mesas. Segue
até o pátio dando vozes para
combater ameaças
de êxtase. Pois nem sempre

se permite tê-los, com tanta louça
para secar e todas estas doidas
ansiosas por visões.
Dança.

Um carro de boi adivinha-se ao longe.
O ruído monótono e doce de suas rodas
morde obstinado a fímbria
da paisagem seca em pacientes
ondulações sonoras de
acalanto meridiano.

A mulher alta continua dançando.
Pequena sombra move-se
agilmente de baixo dos seus pés
no ritmo sacudido da folia
onde se oculta um discreto
fio de mistério Sefarad. A luz
e o calor emitem som estrídulo
de chocalhos e guizos-de-
cascavel. Teresa continua

o baile envolta em luz,
fugindo de outro arrebatamento
inoportuno. O ruído, o clamor
insistente das rodas,
está cada vez mais
próximo.

Três poetas numa ponte

Vejo três poetas numa ponte.
Três poetas conspiram no viaduto,
sobre a ponte pênsil. Talvez sobre
a Ópera acesa ou
escura sinagoga – três poetas
conspiram a partilha
da lua miserável,
sapatos do viajante sem sombra
que foi von Chamisso, o Iluminista.

O oceano passa sob a ponte que
três poetas suspicazes atravessam
urdindo transgressões anfigúricas do verbo.
Malungos vestidos de retalhos
afinam guitarras competentes
sem perfilar-se ao clarão da aurora
racional, indiferente. São três poetas
numa ponte unidos pelo tri-
ângulo contido no círculo e atentos
ao ardor incontrolável
do verso. Vejo. Vejo três poetas
numa ponte à espera do último con-
viva – egresso talvez do plano
estético de algum
texto hebraico – em esplendores.

A roda do tempo

A aranha da roleta gira
na roda do tempo. Janela aberta
para colinas mansas e cantos
profanos. Por que evocar
lugares perdidos? Por que
estamos aqui, persistentes
e repetitivos? São Joaquim
das Neves é a casa de Antonio
Palma, o sótão onde escondemos
o livro em caracteres desconhecidos,
a mesa de jogos, os dados
de marfim. – Em Portugal, repete
minha avó, evoluindo numa pálida
teia – falávamos também na língua
santa. E o topázio cintila no seu dedo
indicando chuva.

“– Soli, soli nella notte”, repete
o alto-falante afogado no vento
de inverno. Ninguém nas ruas.
Subo para os acolhedores aposentos
do sótão e percorro revistas
meticulosamente dispostas sob
o teto inclinado. O perfume doce
das folhas toca-me as narinas.
Tudo parece girar na roda do tempo.

Sobre uma carta de Alexandre Herculano

“– Olhai Senhor pelas pobres freiras do Mosteiro de Lorvão que gemem e soluçam sem que ninguém as socorra.” Assim começa a célebre carta que Alexandre Herculano envia a El Rei conforme lemos na “Seleta em prosa e verso” de Alfredo Clemente Pinto, na sua 49ª edição, de 1939, e ainda em uso nos bons colégios até as vésperas dos anos fatídicos que sabemos. E prossegue o poeta: “– ...pois sofrem de frio e de fome sem poder sequer almejar a sorte dos afortunados mendigos que seguem pelos caminhos em meio à borrasca.”

Terá o pio monarca lido a carta? Teria ela merecido a real atenção em meio aos alaridos da corte? Teriam seus dedos, deformados pela gota, sequer rompido o selo da desesperada mensagem? Ou ainda, a mente obnubilada pelo unguento litúrgico do perfume das velas e do sussurro incessante das orações cotidianas, sua atenção tenha sido afastada em direção de planos mais altos, superiores ao das queixas de velhas freiras remotas?

“– pois sofrem de frio e de fome”, insiste com impertinência o célebre missivista, testemunha casual do estado lastimável daquelas religiosas amortalhadas em vida nos seus brancos mantos de Clarissas.

A neve e o vento penetram pelas janelas quebradas, invadem os corredores e as celas. Quantas terão morrido, este inverno? Cantariam? Ou arranhariam as faces, soluçando? Ninguém sabe.

Aparição no quarto (Fantasmagoria)

Fala-me do que viste no espelho
maciço da porta do armário – Tu, menino
adormecido – o vento se aproxima
e varre a cumeeira do telhado,
escuta. O mesmo raio que deflagra
as paredes de teu quarto despedaça
a bela nave contra o Cambirela.
Aponta-me, sim – rígido de espanto –
o avião crescendo em tua direção,
emoldurado pelo cristal do espelho,
cambaleante, despedaçado – inexplicável filme
na porta do teu guarda-roupa.

Fala-me da luz cirúrgica da cena;
da dispersão aérea dos passageiros
elegantes atirados em todas as direções
pelo desastre aviatório que logo
será conhecido por todos,
a partir da manhã seguinte.

Em mil pedaços de hélices espalhados
a longa distância sonhas rubras couves-flores. Mas tu,
testemunha de sete anos, nunca
falarás a ninguém da luva cal-
cinada do aviador, encontrada por ti
ao te levatares – logo bem cedo
aos pés da cama.

Abre teu livro de apostas

Abre teu livro de apostas. Com certeza
pretendes jogar tudo, simples amor
pelo risco. Fitas desolado teus navios
e os belos armazéns carregados
de aromas. Urge despir-se,
fugir para outras ilhas

onde serás coroado, pobre rei
dos tolos. Levado à mendicância,
na porta da magra espelunca
continuarás apostando às cegas,
imerso em desconhecimento.

Em razão da própria natureza
ocorre ao inocente despertar suspeitas.
Quantos foram castigados sem a menor
culpa! Mas o ruído insidioso da pedra
correndo na roleta te arrebatava.
E o toque acetinado das fichas, o rubro
emblemático dos naipes sangrando
sobre a toalha. O melhor jogador
insiste sempre em perder.

O rosto encoberto pela sombra
do feltro ofega na expectativa
ansiosa do castigo. Aceita teu
magnífico destino. Abre teu livro
de apostas e solicita outras cartas,
atento ao canto traiçoeiro refletido

em teu espírito transbordante de júbilo.

Passeio matutino das Erínias

Eles são poderosos e menosprezam
velhas aldeãs com mantos cruzados
e lanosas cabeleiras, pois afrontam
o real conhecimento, incompatível
com jogos de cena.

E o tremor das favas
nas tigelas implica senilidade
dos provérbios, duelo no proscênio
alagado que as vistas apagadas
do metteur en scène não alcançam,
tropeçando com operárias meio loucas,
de pé na última carroça.

Ele não percebe

que aproximam-se as Erínias
sob ásperos rebozos fisgados
na órbita celeste, sobre o colo.
Maternas aproximam-se, muito
eretas, pisando n'água suja
dos vestíbulos, sem medo. Ali

onde espectadores vorazes impor-
tunam pobres figurantes, a engrenagem
não para e a grande roda empurra
outras ainda, que trabalham
gemendo enquanto os heróis,
já meio cegos,

lutam em vão, roendo-se nas cordas,
aos bofetões, até que tombam des-
troçados nos sofás dos carros-fortes.
É quando elas avançam giratórias,
tudo varrendo na poeira luminosa.

O peso da cesta de maçãs apoiada na árvore

Há muito está ali, na sombra.
O peso das maçãs inclina a cesta
trançada no Morro dos Cavalos,
na reserva Índia.

A embira das laçadas,
calcinada pelos anos, sugere a pedra
e uma idade infinita, o peso
que não tem. Pois é muito leve
esta cesta apoiada no tronco
nodoso. É muito leve – como memórias
duma alegria passada – quando adormecemos
no campo ao meio-dia,
na sombra copada desta árvore
imobilizada pelo mormaço.

É muito leve a cesta apoiada na veste
rugosa da macieira (e tão antiga
quanto ela) que derrama pomos
coloridos em levíssima aquarela.

Há muito tempo está ali, na sombra,
quase vazia, de aparência pétrea.
Seus frutos espalham-se, rolam
pelo declive – uma face rubra,
pálida a outra. Levíssima aquarela,
estampa das maçãs fugindo
em direção do vazio, fora do círculo

protetor da copa verde-escura,
com pequena mancha rubra do lado
da face. Logo o calor, a chuva
e as formigas virão arrebatá-las
para o ambíguo seio da Terra,
também Reino dos Mortos.

A pedra arremessada contra o vidro

Luciano, o sapateiro, sugeriu que tomasse a Ladeira da Penitência onde logo encontraria diversas tribos em ordem de batalha armadas para a guerra florida. O rapaz abriu a porta e indicou-me a sala guarnecida de guirlandas sobre estantes de música. Corria ali doce brisa marinha.

– É sempre desconcertante acordar em casa estranha, sentenciar o artífice tagarela, batendo sola.

A estática ferve docemente nas válvulas do Telefunken – acusa imemorial distância. Ao fundo, ouvimos mulheres lancinantes e sentimos a pedrada na testa do fauno derrubado no mangue, apto para o sacrifício.

Então subimos precavidos a ladeira
estreita, tomados de surpresa, ouvindo
as notas claras do Hino Mariano
entoadas por finas vozes ancilares.
Nenhum tumulto fere a paz noturna.
Guirlandas coloridas enfeitam o paço
onde exibem-se as santas imagens. Corre
no ar o aroma do bosque. Abre-se
a porta. Um valete anuncia

que a primeira vidraça foi quebrada.

Sutra do galo

Mil vezes repetiu o mesmo Sutra,
o galo vermelho o interrompeu.
Repetiu mil vezes, repetiu. Crista
em riste, o galo o interrompeu.

Mil vezes repetiu o mesmo Sutra.
Impertinente, batendo asas, o galo
voou para o telhado
e novamente o interrompeu.

Entoou o Sutra com afinco
redobrado. Lutou contra
inútil anseio do abandono.
Novamente repetiu o mesmo Sutra

mas o galo impudico
inflando o peito voou
mais alto, decidido. Imerso
em ouros, dobrando o canto

novamente o interrompeu.

Mil vezes cada hora salmodiava,
sorvendo minutos e segundos,
o claro Sutra recorrente.
Mas o galo obstinado o interrompia.

Toda vez que a devota melopeia
recomeça, o galo seguidor de horas
canônicas, atento, a interrompe,
maravilhado pelas formas

luminosas da aparência.

Mil vezes repetiu o mesmo Sutra,
o galo vermelho o interrompeu.
Repetiu mil vezes, repetiu. Crista
em riste, o galo o interrompeu.

Abertura para um cerimonial na Ladeira da Penitência

O fio de seda atravessa a ilha
em duas metades. De um lado está
o javali com presa afiada. O sino
do outro lado corta esguio cipreste
e ninguém fala. Teus membros per-
fumados vou colhendo sob cobertor
de lava imersa em sépia, outras
moradas. Afiado fica o arame e
nos arrasta sobre o precipício, a cam-
pina sossegada. O lençol noturno
entre pernas cúmplices da neblina
e da espuma láctea, fanal do Campo
Santo. Cada vez ficas mais próximo,
como rude dispersão em acordes

de bandurra. E o toque seco da batuta
fixa outro tempo enquanto ardemos
entre ansiedade e mole entendimento.
Lá fora um ramo inclina peso áspero
e rija cabeleira. Juntamos os pés no escuro,
presa fatal do sedoso laço rubro que,
por força, nos precipita amarrados

de altas penhas. Dois minérios opostos
ligam-se na trama do cometa, limalha
de oricalco, ardente azor que nos compete.
Soldamos no escuro o renomado arcano
pois além do amor humano – pouca coisa –
outra potência levantamos, que as vagas
comanda e faz gemer as bestas nos relvados,
enquanto o linho corre para o lado
e o corpo glorioso esparge a madrugada.

Ato trágico

Afasta o reposteiro
faz galopar tua
mãe demente
até as águas frontais
do esquecimento entre
fanfarras favoráveis
a entidades cegas
incompletas.

Mas o grito triunfal
desta que pariu
do javali
diz que voltará
repleta de poderes
e
à sua volta estarão
cortesãos hieráticos
erguidos no campo áureo
do mosaico

numa câmara profunda
onde ardem perfumes
e afia-se o gládio

trazido das Cíclades,
para aflição e merecido
castigo dos maus filhos.

Exigiu que a filha se chamasse Efêmera

“ – O piedoso conhecimento da dor
que abomina repouso é patrimônio
da alma quando iluminada
pela expiação e o gosto
da penitência.”

Assim reflete a dama idosa
agarrando-se ao xale des-
fiado, com o rosto voltado
para além da porta
onde, na distância,

rolos baixos de nuvens
correm sobre as copas
dos pinheiros na
paisagem dura.

Exigiu que a filha se chamasse
Efêmera, o grave coronel Antonio.
É preciso manter no espírito
a única certeza.

O resto é sofrimento.

Desastres

Queimou os dedos ao acender a vela
por quantos dias sentirá o ardor?

Feriu os dedos ao cortar o espinho
e sob a pele correu a farpa maliciosa
até o rude coração onde cravou-se.

Queimou os dedos ao apagar a chama
e por muitos anos generará de dor... Feriu,
queimou os dedos, apagou a chama.
Viu-se no escuro – pois bem cega é a dor.
Enleou-se em trevas, mas
tentou fugir. Derrubou

a jarra espalhando água. Frio
pavor! Colam-se ao corpo
as roupas inundadas.
Por quanto tempo suportará
tamanho dor? Quebrou

a jarra para aflição
dos dedos. Água gelada o banhou
inteiro. Às tontas circulou
no escuro, pés nus sobre lascas
agudas e navalhas finas.
– Que favor!

Abriu a porta e foi batendo a testa.
Caiu, foi arrastado pelo vendaval.
Somente por queimar-se numa vela,
os desastres todos ele já sofreu.
De chama, gelo e vento
sempre sentirá o ardor.

O tropel das Amazonas

Elas esqueceram a lança e o trinchante
para desmembrar a caça. Desprezaram
o tropel na mata, trocaram os gritos
das lides venatórias por sussurradas
canções junto das fontes
tecendo coroas.

Tudo era parte do mundo
real. Às vezes uma corça
vinha deitar a cabeça no regaço
da mais velha, que sorria.

Mas o nascimento da Piedade trouxe
o fim da velha inocência, por decreto
assinado em Bizâncio. Como enfrentar
Teodora e aquela corte
complicada? Nas oficinas
dos lapidários moureja-se
dia e noite para cumprir
tarefas impossíveis.
– Um esplendor incomparável.

Viu-se até um elefante vivo
todo engastado de gemas
preciosas desfilar em direção
do circo, agora encimado
pelas insígnias de Cristo.

Abandonaram as grutas. Habitam
em claustros frios, lugares
de penitência. Algumas porém
escapam para as naus, disfarçadas
em soldados ou grumetes, e partem
para outros mares, arrebatadas

pelo tropel das Amazonas.

Primeiro rito matinal da Coroação

Agrupam-se ao longo das paredes,
pálidos de espanto – perfumados pelos aromas
dos respectivos planetas – rubro para
Mercúrio e Júpiter, verde para Saturno
e Vênus, lavando as palmas e os joelhos
ante o possível e inaceitável retorno
de solertes entidades que todos nós,

estremecendo, aborrecemos.

Lá, de onde viemos, o sal da espuma é
o primeiro sacramento. E o ar,
transparente com mudez física de gesso.
Que nenhum corruptor da Palavra
ouse entrar aqui, entre os ogivos, mas
que nos lábios cerrados, com respeito, per-
maneça insone travo de bronze.

Eles agrupam-se ao longo das paredes
celebradas e querem saber tudo. Fácil
é reconhecê-los pelas sobrancelhas unidas
e por invariável gentileza. Nada evocam
das tribulações dos filósofos – mas
não escondem suas naturezas principescas.

Cristovão, Horácio, Belisário...
Em todos estes nomes palpita
verdadeira alegria.
Aproxima-te e verás de mão em mão
correr o planturoso figo,
cabeça triangular de réptil.

Composição com três pombos e uma taça

Três pombos bicam na mesma taça,
composição de álgida coreografia
– garras vermelhas sobre-
postas na argila perene.
Discussão como idílio perigoso,
carente de ambrósia.

Três pombos em qualquer
cerâmica anunciam desmaio
atrás do escudo – nenhuma
proteção contra escadarias
cegas. Virtude é
cortar amarras aos artesãos
de fortes tíbias, dobrados
recursos da modéstia. O olhar
treinado pela astúcia
escolhe sempre a letra exata
sem tropeçar no simulacro.

Três pombos na borda da taça
integram-se ao mosaico,
enxotam a melancolia. A natureza
belicosa dos pequenos alados
não transparece na composição
refinada do medalhão no muro
da quinta abandonada.

Tumulto na escadaria

Tem início o tumulto. Apagam-se as lanternas ao pé da escadaria em fuga com martelos sobre os cisnes em queda vertical, antecipados. Trincam-se

a falange, o cotovelo, propriedades do Barroco sem fanfarras. A dor compartilha penachos sobre as lajes como fumo – dispersão morosa dos ginetes em centrípeto horror de não morrer. Por certo verás no espelho dorso e fragmento.

Adesão concentrada por galope de açúcar no granito. Crescem as arestas contra as selvas quebradas onde pajens coroados de atributos lançam tapetes entre hemisférios inimigos.

Instaura-se a batalha desde logo,
e não sabemos quem sobe ou
quem mergulha resoluto
até as Cíclades – lá partiu-se
a jarra espargindo clorofila.
Mas isto foi outrora.
Agora, o tumulto

tem início e ninguém fala. Língua
só de chamas. Cabiam antes, na mão,
todas as referências do astrolábio,

técnicas impecáveis de saltar na escadaria.

Melodrama

O melodrama começa no escarlate
propício da cortina, invenção italiana
entre a plateia e o reino dos Espectros.
Começa pelo fim – ou logo o fim pelo começo –
ao afogar-se o tintureiro na matéria
fervente, composta de chumbo e pigmento.
Ao escutares três pancadas de bastão
já será tarde. Atroz notícia chega das terras
altas ao proscênio – antes de subir o pano
com os primeiros acordes da cornamusa.

Logo na abertura já é conhecido o des-
fecho. Acumulam-se vinganças e árias
de loucura. Sozinho em cena o imperador
debita ressentidos versos de Metastasio
e a máscara que ostenta não é sua. Ves-
tido com aparato repete que o tempo
não existe mas logo some no fosco labirinto
do cenário – desafiadora celebração
de antiga boda. Cartas embaralham-se
nas mãos da última sonâmbula tro-
peçando rumo ao Ominoso.

A paródia recorrente solicita choro convulsivo. Esta ação começa antes de vires ao mundo, quando todos eram como Deuses. Logo nada sobra, exceto magro punhado de confeitos elaborados pelo mago entre ciprestes.

Para usufruir das pompas do melodrama, basta um coração puro.

Figura da Melancolia

Indiferente aos quatro querubins, ela
foge da Divina Presença. Apoia-se ao trono
derrogado por engodo, os olhos fixos
na linha impura do horizonte. Inquietude:
– Sentida habanera traz-lhe o vento. Mas
de onde convoca-se régua e compasso,
o poliedro cristalino? Com auxílio

da memória ansiosa, irradia-se
da testa inclinada toda força
dispersiva entre impulso de ação
e desejo de sombra. A figura apoia
a face no punho quebrado enquanto
elabora infinitas combinações
na lâmina diagonal do espelho negro.
Logo faz-se em pedra sem arrumar os vestidos,

pois importuna-lhe o voo desafortunado
da mosca de Saturno. Como emblema traz
um sino, a balança, um relógio de areia.
Rompeu com a Divina Presença e sabe
que a flor do possível carcinoma
crava os dentes entre a nuca e o ombro
rindo-se do luto sigiloso do pedreiro.

Senta-se e espera, ansiosa
pela panaceia do sono recorrente.
Quer dormir, quer dormir, amargo
arcanjo. – Mas não pode separar-se
da luz transitiva entre arco-íris
e esfera de Beleza. A seus pés
inocente animal confia
na obra da Misericórdia.

Baralho

Em fogo lento se repetem no espelho
os trapaceiros. Cada naipe é um acorde
astucioso e o mesmo botão fenece
nas lapelas. Com olhos per-
vagantes são adeptos de afiados
perfis recortados em betume.

Comanda esta partida certa dama
clara. Estratégica sombra de uma estrela
ela tece no ar com pele de ovo. Seu
comparsa recebe a mensagem persis-
tente e subtrai – num suspiro – todo ouro
da mesa. A anfitriã retorna

e pede carta. Mas o ás tão cobiçado
certo rapaz indiferente esconde
no cinto. Neste momento aparece
nova taça transbordante, mimo
pontual da copeira conivente.
– É ainda dia? Será noite profunda?

As cartas giram e vão tecendo
sempre novas melodias para entre-
ter os jogadores silenciosos.
A luz da vela dúbia sobe protegida
por dedos longos e logo morre
apagando o jogo inteiro.

Este livro foi editorado com as fontes Utopia Std e Adobe Garamond Pro. Miolo em papel pólen *bold* 80g. Capa em cartão supremo 250g. Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão *offset*.

Dizem que nunca o artista é
inteiramente humano – seu rosto
modelado por viril piedade
fala também com os répteis do lodo. E sonha
estações aquilinas nas vagas, moradas
do escuro cachalote – onde colhe
nas vísceras da mansa criatura

o indispensável miligrama canceroso,
algema fétida capaz de fixar
por instinto iluminista da amizade
a doce memória cristalizada

no arrogante frasco do perfume.



9 788532 805782